

1492: o encobrimento do outro - a origem do mito da modernidade

1492: the concealment of the other - the origin of the myth of modernity

1492: la ocultación del otro - el origen del mito de la modernidade

1492 : la dissimulation de l'autre - l'origine du mythe de la modernité

Armindo Armando

<https://orcid.org/0000-0002-1354-3560>

Mestre. Universidade José Eduardo dos Santos. Huambo. Angola

armindoarmindo21@gmail.com

DATA DA RECEPÇÃO: Agosto, 2019 | DATA DA ACEITAÇÃO: Novembro, 2019

Resenha Crítica da Obra “Dussel, E. (1993). *1492: O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade*”. Conferências de Frankfurt. Vozes Editora, Petrópolis” para a publicação na Revista Sol Nascente do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente

Introdução

A obra pela qual desenvolvemos a nossa revisão crítica é do autor Enrique Dussel, intitulada: “*1492: O Encobrimento do Outro: A Origem do Mito da Modernidade*”, que foi publicada em 1993, que é resultado das conferências desenvolvidas em Frankfurt através das quais expõe o seu pensamento sobre as relações existentes no mundo, criadas pela modernidade no contexto da bipolarização da política do reconhecimento através do sistema-mundo.

No *Encobrimento do Outro*, Dussel mostra o seu posicionamento face à modernidade, onde avança que a modernidade é uma ilusão, isto é, ela visava a emancipação do homem, todavia, com a expedição do ocidente em 1492 em outros mundos, o encontro entre os povos não foi de reconhecimento, mas sim de encobrimento. Por conseguinte, não houve reconhecimento de particularidades culturais

dos Latino-americanos, Africanos, Asiáticos assim, criando um sistema-mundo de dominação.

A recensão visa despertar a debilitada comunicação no contexto prático existente entre a Europa e outros mundos, conhecida esta relação como Centro-Periferia; mostrar que desde a ideia do surgimento da modernidade, a Europa buscava descobrir os outros mundos e que na realidade esta relação não foi baseada na descoberta do outro mas sim no encobrimento, pois o outro foi concebido como objecto de manipulação desde a sua cultura até aos outros modos de manifestação do ser, considerando desta feita o outro como um ser sem características pelas quais qualificar como ser humano, razão pela qual o mesmo devia ser reinventado para seguir os modelos tradicionais europeus para que se tornasse um ser com identidade humana.

A Obra em recensão, é relevante no contexto dos estudos da comunicação intercultural, pois tem o seu enquadramento nos estudos pós-coloniais, visto que denuncia a dominação no âmbito do encontro de dois povos, visando desconstruir vários paradigmas dominantes que foram considerados ideologias para humanizar a sociedade. No contexto contemporâneo, a obra é relevante pois reafirma a necessidade de reinventar a comunicação existente entre várias dimensões da civilização humana buscando quebrar a hegemonia cultural.

No contexto moçambicano, a obra é relevante pois ela pode ser a base de desenvolvimento das boas relações existentes no País baseados em região e que a relação histórica destas regiões se manifestou numa dimensão hegemónica, especificamente a relação existente entre o Sul, Centro e Norte de Moçambique que são responsáveis no desenvolvimento de diversos estereótipos. Assim, para o desenvolvimento da presente recensão crítica, recorreremos a o método hermenêutico e desconstrução – construção.

Síntese da Obra

A obra em recensão é resultado das conferências realizadas pelo autor e que a mesma, está dividida em três partes, tendo a primeira parte intitulada: “Desde o Ego – Europeu: O Encobrimento”, tendo dividido as suas abordagens em quatro conferências dentre elas, a primeira: o Eurocentrismo, onde discute a legitimidade da Europa como fonte ou centro do mundo e que afecta a identidade dos outros povos em relação a diversidade; a segunda conferência aborda em torno da invenção ao descobrimento do

novo mundo, procurando criticar os instrumentos modernos que foram usados para garantir o desenvolvimento da descoberta ao serviço da colonização; a terceira aborda em torno da conquista a colonização do mundo da vida, onde as principais teses estão assentes na apresentação da modernidade como um fetichismo europeu, tornando sua vítima culpado da sua própria vitimação e a quarta aborda em torno “ Conquista espiritual: Encontro de dois mundos, analisando as formas como o homem foi colonizado espiritualmente e posteriormente em outras dimensões práticas.

A segunda parte é referente à Revolução Copernicana da Chave Hermenêutica, tendo duas conferências dentre elas: a primeira é referente à crítica do mito da modernidade, onde desenvolve a ideia de que a modernidade surgiu com o propósito de emancipar o homem e que para Dussel, não passa de uma ideologia falsa para dominação do outro, pois a modernidade não emancipou o homem, ainda pelo contrário se apresentou com certo fetichismo para dominação do outro mundo descoberto pela Europa. A segunda conferência está assente na visão sobre: América “Uma visão eurocêntrica do mundo” e a excursão que dá conta que a Europa como periferia do mundo muçulmano.

A terceira parte especifica-se a abordar em torno “Da invasão ao Descobrimento do outro”, tendo-se caracterizado em duas conferências, dentre elas destaca-se a primeira conferência intitulada: “Da Prússia dos Deus a Invasão” sustentando assim as vicissitudes que influenciaram o espírito prussiano a invasão social; a segunda Conferência especifica-se a analisar a resistência ao fim do mundo e do sexto sol que busca abordar em torno das fontes da resistência da periferia, reinventando as ideologias de comunicação entre duas dimensões sociais baseadas na desvinculação da submissão ideológica e finalmente apresenta um Epílogo sobre os rostos múltiplos do povo, mostrando os vários modos de vida que foram criados pela comunicação deficiente entre o centro e a periferia criando o outro como algo imprestável e na actualidade ganhando novos contornos e sofisticados de vilipêndiação.

Análise Crítica do Texto

O outro na perspectiva histórica mundial, foi tomado como um ser absoluto na imaturidade, na perspectiva moderna ele foi concebido em um carácter evolutivo da técnica/ciência, todavia teve o seu impulso na Europa.

Dussel critica a história vigente, fazendo a história da filosofia, sua crítica é contra a modernidade, ideologia que pretende legitimar que a Europa é o único centro do universo e por isso pode ser a história universal e capaz de criar um império (Êxito do centro), não se baseou apenas no âmbito geográfico e político, outrossim cultural e ideológica, (Dussel, 1993,p. 30).

A filosofia moderna europeia, mesmo antes do ego cogita de Descartes, que a partir dele situa todos homens, todas as culturas. O ego cogito situa a periferia pelo facto de se formular pergunta: (os índios são homens?), tendo sido dada a resposta, que: “são apenas a mão-de-obra e não racionais, são incultos”. Assim surge uma ontologia sobre aspectos de dominação sobre os outros homens, sobre os outros mundos (Dussel, 1993, p.9).

Actualmente destacamos a reflexão mais preponderante em torno do encobrimento do outro, dada por Huntington, entretanto, a sua reflexão é inerente à realidade actual de encobrimento, no qual usa o conceito de choque das civilizações.

Da realidade reflectida em torno do encobrimento, a periferia tal como concebe Dussel, assim como Hountington, é evidente que o encobrimento ao nível do sistema mundo como dominação universal teve contornos políticos, económicos e culturais, pois actualmente é notória a existência de dominações culturais na tendência da conquista das civilizações, facto que impõe uma comunicação intercultural que busque a outra a política do reconhecimento.

Sempre que se referencia a um aspecto histórico, a preocupação maior é de saber qual foi a origem e seu desenvolvimento no plano nacional e internacional de um certo fenómeno. Entretanto, no que se refere aos aspectos históricos do encobrimento¹, recorre-se a uma dimensão histórica das viagens de reconhecimento desenvolvidas pelos europeus, facto que deu origem a modernidade, o seu impulso é absolutamente de dominação e da explosão das culturas periféricas, que resultou no descobrimento.²

¹ É a destruição de outro, a negação de Alteridade violenta. Foi uma constituição do outro como si mesmo, visto que para Dussel, a Europa não criou encontro mais sim choque de civilizações onde a mais forte encobriu a mais fraca baseando-se sobre os princípios da modernidade: eurocentrismo, emancipação; violência necessária (Guerra justa); o conquistado não como o culpado mas como meritório, os índios são culpados por reagirem a essa emancipação forçada.

² Descobrimento significa segundo Dussel, constatar a existência de terras continentais habitadas por homens e por um lado são experiências estéticas contemplativa e científica de conhecer o novo que a partir de uma experiência que a partir da experiência exigente exige que se manifeste o mundo europeu. No contexto mercantilista, descobrimento significa o encontro com outras naturezas, outro povo, ampliando assim actividade comercial, constituindo assim a grande Vitória da Europa.

No contexto do encobrimento do outro, a história universal foi diabólica para actualidade, todavia Hegel na sua concepção da filosofia da história concebe:

“A história universal vai do oriente para o ocidente, a Europa é absolutamente o fim da história universal, a história universal é a disciplina da vontade natural dirigida para universalidade e para liberdade subjectiva” (Dussel, 1993, 13).

A concepção prescrita foi apoiada por Fukuyama, na sua visão de que a Europa não tem nada a fazer como um progresso da historia, visto que o fim último da historia é de trazer o nível de orientação para a liberdade, democracia liberal e que estes aspectos que criam o bem-estar social.

O outro (continente) foi visto como individuo / objecto de descoberta e que precisa respeitar a cultura universalmente válida com espírito absoluto, onde América Latina, Ásia, África e outros povos não foram descobertos, pois implica reconhecer, no entanto, o europeu não o reconheceu visto que implementou as suas ideologias em detrimento do nativo tal como Hegel aponta:

Este modo de ser dos africanos explica o facto de eles serem tão facilmente fanatizados, o reino do espírito entre eles é tão pobre e o espírito tão intenso. A África não tem propriedade histórica, a Europa crista moderna nada tem a aprender dos outros mundos, outras culturas, no qual o princípio em si mesma é a plena realização (Dussel, 1995, p.31).

Na realidade, o contexto do encobrimento do outro caracteriza-se com a erupção do outro, tal como Huntington aceita que realmente hoje o sistema das relações interculturais são demagógicas e o seu impulso é orientado para o desenfrear das realidades dominadoras. Por vezes, a dominação ideológica, consiste em pretender mostrar aos outros o valor absoluto que apenas as verdades absoluta se definem nele.

Por filosofia do diálogo, compreende-se como meio de compreensão e de reconhecimento do outro como um ser, orientado pelo entendimento. Nesta asserção, não se exige um diálogo à moda moderna, desenvolvido por Descartes, pois exige assumir o contexto de diálogo concebido por Lévinas, Gadammer entre outros moralistas universais, pois a preocupação central é de engendrar um entendimento humano e o reconhecimento das adversidades.

O entendimento é sempre parte de um diálogo, pois é diálogo por natureza o carácter de um diálogo tem uma conexão dos horizontes, caracterizado pelo modo como o diálogo ganha o seu valor a moda socrática, (Honneth, 2003). O que emerge em um

diálogo, não é meu (centro) e nem é seu (periferia), mais sim transcende opiniões subjectivas dos interlocutores (Alteridade), os preconceitos são presentes nos diálogos mas são desafiados em primeiro lugar nos encontros dialógicos (Lawin, 2005, pp.96 - 97).

O encobrimento também na compreensão de Dussel caracteriza-se no âmbito da comunicação, conceituada na comunidade de comunicação, entretanto, a filosofia da libertação faz o seu recreativo no âmbito da responsabilidade na comunidade de comunicação, onde Dussel constata que no plano de comunicação, há necessidade de distinguir a comunidade de comunicação real.

Por conseguinte, assemelha-se com o contexto de Lyotard, na sua crítica as micronarrativas como forma de inclusão no plano de comunicação, facto que integra as línguas locais como um fundamento da realização de uma comunicação genuína através de jogos de linguagens que devem ser criadas nessa asserção.

Para Dussel, a comunidade de comunicação deve ter em conta referências com vista a estabelecer a comunicação ideal usando critérios:

Toda argumentação sempre pressupõe: toda a comunidade de comunicação ideal isenta de dominação, imbuída do respeito a igualdade das pessoas que as participam na comunicação. Cada um de seus comunicacionais possui o direito de sempre poder virtualmente se posicionar como outro (Dussel, 1995, p.60).

Nesta perspectiva, todo acordo por via da comunicação, deve ser visada e sempre virada ao contexto da valorização das perspectivas tendendo o reconhecimento e não da dominação enquanto comunidade de comunicação de exclusão efectiva, sem pretensão de negar a possibilidade para cada um dos seus membros ou participantes comunicacionais na qualidade de outro.

A obra: O Encobrimento do Outro, mostra o quão a história universal foi criada desde a ideia das descobertas que culminou com a consideração do outro como algo negativo, fazendo desta forma a criação do paradigma do sistema-mundo. Portanto, a obra mostra o quão as relações interpessoais constituíram-se algo estranho através da comunicação deficiente existente em diversas culturas que se efectivaram com as relações hegemónicas.

No âmbito das opressões vividas no mundo, é relevante abordarmos sobre a temática do encobrimento, visto que os mecanismos usados no passado para dominar o homem da periferia estão cada vez mais sofisticados de maneira que nos passam

desapercebidos, esse factor legitima o discurso vigorante na actualidade em torno da neo-colonização como forma de opressão dotado da racionalidade moderna modernizada.

A ocidentalização cultural, ideológica e política no mundo, é o elemento que para nós suscita debate em termos académicos, facto que possa justificar o acontecimento destes fenómenos são as mortes no mediterrâneo com vista a procurar melhores condições na Europa, assim revelando a colonização mental do homem periférico em relação ao homem ocidental, imbuindo que a concepção da realização do homem enquanto realização só é possível no ocidente.

Relevância da Obra na realidade Moçambicana

Nos países multiculturais como Moçambique, exige a responsabilidade dos seus cidadãos com vista a instaurar a temática de reconhecimento social de modo a observar as particularidades que possam desembocar na dominação cultural entre os moçambicanos.

Os estudos pós-coloniais em Moçambique são relevante na actualidade não só pelo contexto histórico vivido, mas também pela realidade que se vive hoje no sistema político enquanto ideologia vigorante, por conseguinte, assistimos no nosso país à manifestação da sociedade civil contra a implementação do projecto pro-savana, que visa alienar as terras férteis nacionais para a modernidade agrícola europeia, dela tirando mais privilégios, facto que se invoca como neo-colonização que encontra o seu sustentáculo na comunicação deficiente no âmbito da implementação de vários projectos.

Na recensão, compreendemos que a filosofia da libertação deve ser encarada como imperativo nos nossos dias pelo facto de compreender e dar-se a missão de interpretar o nosso mundo à luz das misérias humanas. Em nosso entender, a filosofia da libertação é uma busca da justiça de forma filosófica e pacífica, por um lado, temos a criticar Dussel pelo facto de pretender universalizar a história sem que tenha universalizado a tradição³, condição necessária para o reconhecimento.

Aspectos Negativos

A obra tem como aspectos negativos a estrutura dos conteúdos pois não permitem dar um seguimento ao leitor, fazendo-se cada parte como um fim em si mesmo, todavia,

³ O conceito tradição tem significados diferentes do ponto de vista pragmático, ela varia de tempo em tempo visto que para Europa a ciência e a técnica significa tradição (cultura), o mesmo não se pode dizer para Ásia, África, américa-latina.

apesar de ter uma literatura estrategicamente dada, é necessário que haja maior consolidação

A Obra tem como aspectos negativos a colocação de problemas que o descobrimento do outro mundo criou dando críticas contínuas, não colocando à disposição elementos e instrumentos teóricos que deviam ser observados no âmbito da criação do sistema-mundo, após a dominação colonial.

Conclusão

A obra em recensão, desenvolvida por Enrique Dussel é uma referência filosófica para a estabilidade na ordem mundial vigente, é uma filosofia de carácter político – ético humanitário com vista a estabelecer um contexto de reconhecimento na sociedade, é uma nova forma de pensar as relações humanas no nosso seio. Com o conhecimento da realidade periférica, como excluído, pretende desembocar em uma experiência de modo a encontrar o enquadramento filosófico de uma experiência da miséria, da pobreza reinventando a comunicação intercultural no contexto prático.

Dussel estabelece uma filosofia que se preocupa com a justiça e luta pelo seu estabelecimento, é uma justiça que toma o outro não apenas em sua condição de oprimido dotando-lhe de ferramentas para se opor ao opressor, mas sim, que se estabelece fora do sistema mundo caracterizado pela transmodernidade, facto que determina a necessidade de reparar o outro como uno, ser metafísico e que ao exercer qualquer acção dolorosa sai do uno para o mesmo uno diversificado do ambiente social e no contexto económico. Assim, no âmbito da comunicação intercultural, assente nos estudos pós-coloniais, coloca uma dimensão da necessidade de reconfigurar a comunicação estratégica para o reconhecimento.

Referências Bibliográficas

Dussel, E. (1995). *A Filosofia da Libertação: Crítica a ideologia da exclusão*. Edições Paulus, S. Paulo, Brasil.

Dussel, E. (1993). *1492: O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade*. Conferências de Frankfurt. Vozes Editora, Petrópolis.

Honneth, A. (2003). *A Luta pelo Reconhecimento*. Editora 30, São Paulo, Brasil.

Huntington, S. P. (1968). *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Objectiva editora, Yale.

Lawin, C. (2005). *Compreender Gadammer*. Vozes Editora, São Paulo, Brasil.